



Director literario:

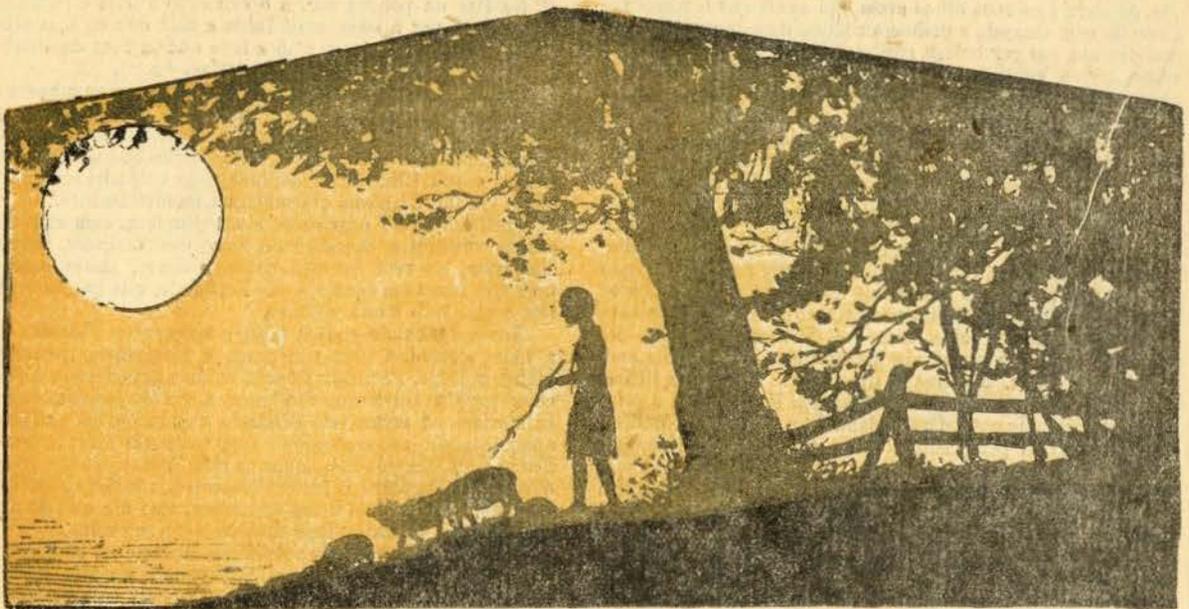
Arquitecto
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Guarollala
PAPUSSE



AS DUAS PRINCESAS

POR MARIA RODRIGUES LOURENÇO

Desenhos de TIOTÓNIO



UM reino, que existiu há muitos anos, havia uns reis muito ricos e poderosos, que tinham uma filha muito linda.

Todo o povo dizia que não havia criatura mais linda em mil léguas ao redor. Era, porém, esta princesa muito vaidosa e indolente. Passava longo tempo ao pé do lago, do seu jardim, para ver a sua imagem reflectida nas águas. Quando vinha algum caminhante dalguma terra longínqua ordenava que o trouxessem à sua presença e fazia-lhes sempre a costumada pergunta: — «Tu, que tens visto tantas terras e que de tão longe vens, viste por acaso, cara mais linda do que a minha?» E todos respondiam: — «Não, princesa. Tenho corrido muitas terras e visto muitas belezas, mas nenhuma que se compare à tua formosura».

A princesa ficava contentíssima, dava-lhes muito dinheiro e mandava-os embora.

Ora uma tarde estava a princesa Flórbela nos seus aposentos, reclinada em fôfas almofadas e vendo-se a um espelho de ouro, quando a sua aia Maria lhe apareceu e lhe disse:

— «Real princesa, acaba de chegar ao reino um velho caminhante que vem de muito longe. Queris que o traga à vossa presença?» A princesa ordenou imediatamente que sim. Compôs os seus negros e sedosos cabelos, e vestindo um lindo vestido de pétalas de rosa, ordenou que fizessem entrar o viajante para mais uma vez ouvir gabar a sua formosura. Assim que êle foi introduzido junto da princesa, esta, quasi sem o olhar, perguntou vaidosamente: — «Tu que vens de tão longe e que tens visto tantas belezas, acaso viste algum mais bela do que eu?» O caminhante olhou-a longamente e, depois de uns momentos de silêncio, respondeu: — «Sois

realmente linda, princesa, mas a vossa beleza comparada com uma que eu conheço, é como se comparasse um dia ventoso e solturo com um dia quente de Sol». A princesa, quando isto ouviu, estremeceu de raiva. — «Atreves-te a dizer que já viste cara mais linda do que a da princesa Flórbela, filha do rei António?»

— «Sim, repetiu o caminhante, afirmo e posso provar-to. — «Como?» perguntou logo a vaidosa princesa, diz-me quem é ela e onde está».

— «Essa beleza rara vive a milhares e milhares de léguas d'este reino, mas existe».

— «Se não provas o que dizes mandar-te-hei expulsar do meu país», disse Flórbela.

— «Pois bem, disse o velho, toma este óculo e põe no pensamento a pastora Lindafllór, da serra dos Mistérios».

A princesa quando isto ouviu não pôde conter uma gargalhada: — «Então tu queres comparar a minha real beleza, com a duma simples pastora?!... disse com arrogância, e, desdenhosamente, pegou no óculo que o velho lhe dava. Qual não foi porém o seu espanto quando viu uma rapariguinha, que devia ter dezoito anos, a sua idade, sentada no alto duma serra a fiar numa roca enquanto as ovelhinhas que guardava andavam pastando em seu redor. Era porém esta menina tão formosa como ela já mais pensara pudesse haver no mundo criatura tão linda».

Os seus cabelos tinham os reflexos do Sol, a sua pele a cor da neve e os seus olhos eram tão azuis que lembravam a cor do céu. Quando a princesa acabou de a contemplar, ficou furiosa por ver beleza superior à sua. Voltou-se para o velho, que a contemplava em silêncio e disse-lhe: — «Eu quero que me vendas este óculo e me tragas essa pastora à minha presença. Ouviste?»

O velho sorriu tristemente e respondeu: — «E' impossível o que me pedes, real princesa, jamais me separarei d'esse óculo». — «Porque?» perguntou logo Flórbela.

— «Sois curiosa, princesa, disse o viajante, mas se queres saber a minha história, mandai retirar as vossas aias e eu vo-la contarei». Flórbela cheia de curiosidade, imediatamente mandou retirar as suas aias e seus pagens. Ficando só, compôs melhor as almofadas do seu divan e quedou-se a ouvir a história do velho peregrino que se sentara a seus pés. Eis o que o velho disse: — «Princesa, o reino das Virtudes é um reino rico e maravilhoso, que condiz bem com o seu nome. Reinava lá um rei que tinha dois filhos, o príncipe primogénito que se chamava Fernando e o príncipe Jorge o mais novo. Ora andando um dia o príncipe Fernando a passear pelo campo, ouviu uma voz cristalina, mas um pouco triste, entoando uma canção. Apaixonado, deves por essa voz tão linda, o príncipe procurou saber quem assim cantava, mas em vão. Quando voltava triste, para casa, viu uma linda fada que lhe disse:

— «A voz que ouviste e que tanto vos encantou é a da princesa Lindafllór, que o feiticeiro da serra dos Mistérios encantou numa simples pastora por ser indolente e vaidosa. Se és valente e a amas, procura o meio de a desencantar».

— «Almo-a sim, disse o príncipe, apesar de nunca a ter visto, mas a sua voz bem me diz que deve ser linda e boa».

— «Então, tornou a fada, vai em busca duma princesa linda e que te queira bordar um véu mais fino e diáfano do que as asas das borboletas, e tão lindo e fulgurante como as estrelas. Ela própria, pondo-o sobre a princesa Linda flór, imediatamente a desencantarà e lhe fará lembrar quem é, pois que de nada se lembra. Toma este óculo, leva-o, e vêrás todas as vezes que quizeres a tua amada e todos os teus. Agora parte e sê feliz». — dizendo isto a fada desapareceu. O príncipe quando tal ouviu — continuou o viajante —, por amor da bela princesa, obrigada agora a guardar o rebanho d'esse maldito feiticeiro, deixou seus pais e seu irmão e partiu em busca da princesa linda que lhe quizesse bordar o véu para desencantar a sua noiva. E ei-lo aqui

feito peregrino, a vossos pés, princesa, pois sou o príncipe Fernando, e, dizendo isto o velho calou-se. Flórbela tinha escutado esta história com o maior interesse».

Nos seus lindos olhos negros brilhavam algumas lágrimas. Ela, que sómente tinha vaidade e preguiça, sentiu-se comovida e bastante arrependido da de ter recebido tão mal o pobre príncipe. — «Príncipe Fernando, disse Flórbela, vou dar ordens, imediatamente, para que vos preparem aposentos dignos de vós. Sereis meu hóspede até que eu vos faça o véu que desencantarà a vossa noiva». O príncipe beijou-lhe reconhecido as mãos e a princesa, chamando as suas aias, deu várias ordens. Na manhã seguinte, quando Fernando apareceu, quasi a princesa o não conhecia. A longa barba tinha desaparecido, a sua fisionomia era agora doce e meiga e, com o seu novo traje, via-se perfeitamente no seu todo a raça fina e nobre dum príncipe de sangue real. Dias depois era fácil ver no jardim, ao pé do lago, a princesa trabalhando no véu, que havia de desencantar Lindafllór; já não pensava se esta seria mais bela, nem se lembrava de olhar as águas quietas do lago para ver a sua imagem».

O seu pensamento, agora, era sómente trabalhar para acabar o mais depressa possível o véu que se incumbira de fazer para salvar a desditosa princesa».

Aos seus pés, vendo o belo trabalho feito pelos seus dedos, agora tão ágeis, estava sempre o príncipe Fernando».

No fim de poucos meses o véu estava feito e Fernando pôde então ver a obra mais linda e bela que os seus olhos tinham visto; era mais fino e leve que as asas das borboletas e tão brilhante como as estrelas».

Então o príncipe pediu que Flórbela o acompanhasse ao seu reino, para com suas próprias mãos colocar o véu em Lindafllór, conforme lhe dissera a fada. A princesa pediu consentimento a seus pais, e estes, vendo que só Fernando livrara a sua filha da ociosidade e da vaidade, em que tinham grande desgosto, consentiram imediatamente».

Partiram então o príncipe e a princesa, com suas aias e seus vassallos a caminho do reino das Virtudes. Quando chegaram, os reis ficaram contentíssimos, assim como o príncipe Jorge em tornar a ver Fernando, que há tanto partira e não mais tinha voltado».

Então Fernando contou tudo, e apresentou Flórbela que a todos encantou pela sua graça e formosura, principalmente a Jorge. Partiram depois, os dois príncipes e a princesa, para a serra dos Mistérios, a fim de desencantarem Lindafllór. Lá estava ela olhando vagamente os campos e apascentando as ovelhinhas que salvavam em seu redor. Então Flórbela pôs-lhe, sobre os seus lindos cabelos loiros, o véu que bordara, e imediatamente Lindafllór se lembrou de tudo, e se acabou o seu encantamento; ela que de nada se lembrava, recordou logo seus pais e o seu reino».

As duas princesas abraçaram-se comovidas, uma grande amizade as uniu d'ora avante. Voltando ao seu palácio, Lindafllór lêz ver a seus pais que só casaria com Fernando, que por seu amor a salvara. Estes, contentíssimos ao verem a sua querida filha por quem tanto tinham chorado, consentiram logo nessa união que tanto prazer lhes dava».

Flórbela terminada a sua missão, ia retirar-se para o seu reino, quando o príncipe Fernando lhe disse:

— «Princesa, o meu reconhecimento, assim como o de minha noiva, será eterno. E agora permitis que vos faça um pedido?»

— «Sim, disse Flórbela, consinto. Dize»

— «Peço-vos em nome de meu irmão, o príncipe Jorge, a vossa augusta mão, pois éle ama-vos muito, princesa! Consentis?!» Flórbela disse logo que sim, pois gostava muito do príncipe Jorge. Chamados os seus pais, deram também o seu consentimento e, passado pouco tempo celebravam-se as bodas dos dois príncipes e das duas princesas, tendo sido todos imensamente felizes».

Solução do
problema
de palavras
cruzadas
N.º 1

1	a	2	s	3	s	4	e	5	n	6	t	7	a	8	r	9	f	10	u	11	g	12	i	13	r	
14	s	e	n	t	i	r								15	u	m			16	v	17	i	18	r	19	o
				20	e	c				21	l	a					22	p	23	a	24	r	25	a	26	e
				27	a	r	a	r	a					28	c	a	s	a	r							

POR

Olavo d'Êça Leal

RODA

(Esta poesia é dedicada à Maria Antónia, minha noiva, que tem seis anos de idade).

Maria MARIA MARIA
Antónia! que lindo gatinho!
como eu gostaria
de ser o ratinho!

Maria Antónia
ao centro
da roda infantil,
salta febril
há mais de uma hora,
de fóra p'ra dentro
e de dentro p'ra fóra,
ao som dum apito...
— o jogo do gato e do rato
é um jogo bonito
bom e barato!—

Maria Antónia é um gato
audaz e valente...
— Mas eis, de repente,
que passa, a correr,
um rato qualquer,
pequeno mas bom,
verdadeiro!...

— Um gato a fugir dum rato,
decerto que deve ser
O PRIMEIRO!

F I M

Maria Antónia, o gato
audaz e valente,
logo fugiu a correr..



(Ilustração do autôr)



PÁLITÓ e "sôr," ROBERTO

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA



RUFANDO em seu sebento tambôr: «bum-bum-bum!... bum-bum-bum!... bum-bum-bum!...» mal Pálitó despontava ao cimo da práia com sua remendona barraquita de fantoches, logo os meninos todos se erguiam, batendo palmas de contentamento, e iam sentar-se, impacientemente, num semi-círculo, em frente do improvisado teatrinho de que era protagonista, quere dizer:—o principal figurante, o «sôr» Roberto.

Sôr Roberto era um fantoche de pau, nascido com mau

fado. O que sempre apanhava as cacetadas de todos os outros bonecos:—«toma, toma, toma, toma!»... e que tanto faziam rir os pequeninos espectadores.

Juca era um dos meninos que assistiam à representação das pândegas peças que os bonecos, movidos por Pálitó, representavam.

Mas, ou porque era muito sisudo ou porque tivesse muito bom coração, ao contrário dos outros meninos, Juca não ria ao ver o «sôr» Roberto gritar com a sua vòzita de cana rachada:—«ó da guarda, ó da guarda, ai Jesus que eu morro!»... Dir-se-ia mesmo que sofria com o sofrimento do pobre «sôr» Roberto.

Quando acabou a representação, Juca foi para casa im-





pressionado com a bárbara scêna do espancamento, deitou-se na sua fôfa caminha, e, quando já estava quasi a adormecer, pareceu-lhe ouvir barulho na janelinha do quarto que deitava para o jardim e habitualmente ficava entreaberta, devido a ser verão e à noite quentíssima que estava.

Primeiramente, supoz que houvesse sido o vento que tivesse feito bater, lèvemente, a vidraça contra a umbreira da janela; depois, ouvindo novo ruído, cuidou que fossem ladrões e dispunha-se a gritar, quando, de súbito, viu afastar-se a transparente cortina de cambraia e saltar para dentro do quarto, armado com um grande cacete o próprio «sôr» Roberto em carne e ôsso, ou antes em páu e trapos.

Com os olhitos abertos, muito esgaziados, sentou-se na camã, dispunha-se a tocar a uma campainha que tinha sobre a mesinha de cabeceira e a acordar, aos gritos, toda a gente de casa, quando o «sôr» Roberto, erguendo a mãozinha de páu e ajustando-a à ponta do nariz, lhe impôs silêncio, dizendo em sua voz esganiçada:

— Não grites, não grites, que te não faço mal! Sei que tens bom coração, pois vi, emquanto todos me batiam, desalmadamente, que foste o único menino que se não riu das constantes tarefas que levei. Farto de apanhar, de ser sempre um bumbo na festa, venho pedir-te que me auxilies a vingá-me, a dar cabo de todos os outros fantoches, excepto do jesuíta—coitado!—que é também uma vítima como eu.

Tanto o «33», que o Pálitó costuma chamar para me levar para a esquadra, ainda por cima dos outros me soarem, como o Chico Bombita, que está sempre com pimpônicas, a dar-me piparotes na barriga, como o «Zé» Fadistola, que me espetou na «tôla» uma grande navalha de ponta e mola, como a Ambrózia sopeira, que me vasculha a cara com a vassoura do lixo, hão-de ver uma fona comigo. Verás! Veste-te e vem daí. Juca hezitou um momento. Mas como, apesar de tudo, sempre achava reinadío tornar a ver os fantoches, vestiu-se num rufo, e, auxiliado pelo «sôr» Roberto que, apesar de mais pequenino, era mais ágil do que ele, saltou pela janela, abriu a cancelinha do jardim e seguiu Roberto, que logo se encaminhou para a praia.

Estava uma noite linda. Dum lado, ao alto, a lua muito branca e redonda, parecia a superfície dama chícara de leite a trasbordar e, doutro lado, um pouco mais distante, um chuvaire de estrelinhas fazia lembrar, não sei porquê, o vistoso papel que envolvia, até meio, as penas de pedra com que Juquinha fazia as contas na ardózia, ou, melhor ainda, o ralo do regador pequenino, por onde Juca, após regar a engraçadinha horta que fizera a um canto do jardim, costumava espreitar, posto à laia de um óculo. Os pirilampus, à beira do caminho, dir-se-iam gôtas de luz congelada dêsse chuvaire do Céu.

«Sôr» Roberto e Juca iam quasi a correr, caminho do local onde deviam estar dormindo, o «Pálitó», o infeliz «Jesuítá», o «33», o «Zé» Fadistola, «sôra» Ambrozina, Chico Bombita e o touro—(dêste é que não poderia tirar desforra e — «oxalá esteja preso!» — dizia com seus botões o «sôr» Roberto)—quando, súbitamente o mar apareceu em frente de ambos, como um imenso espelho, onde a toleirona da lua se mirava presumida. Já pisavam a areia...

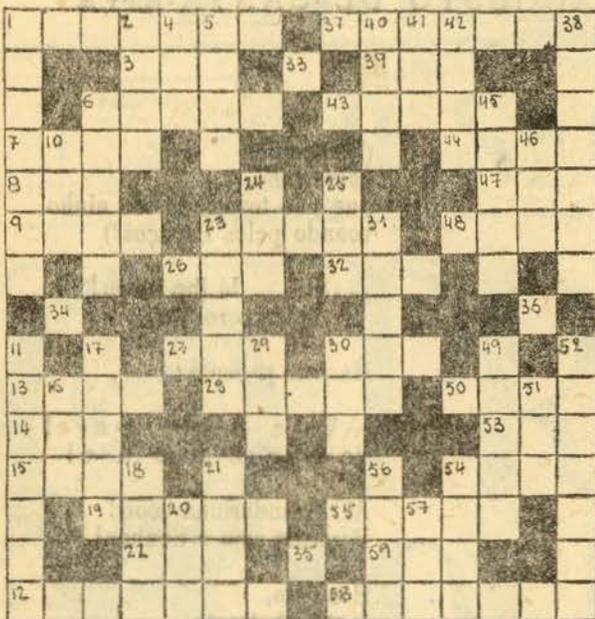
Já se via ao longe, ao fundo da praia, junto a um rochedo que parecia uma gruta, a barraquita forrada de sarapilheira, onde, sempre que havia função, o «sôr» Roberto levava as formidáveis tarefas.

Finalmente chegados, pé ante pé, cautelosamente, espreitaram pela abertura de cima da barraca. Lá estavam, dormindo, uns por cima dos outros, como sardinhas em laia ou ovelhas num redil. Pálitó dormia também, de borco sobre a areia, a pouca distância da barraca. Só o Jesuíta, em cima de um rochedo, velava pensativo, alheio a tudo, até mesmo à chegada de Roberto e Juca, talvez pedindo a Deus que o livrasse de uma nova tarefa do «Zé» Fadistola», do Chico Bombita e, principalmente, das marradas do touro, tão incomodativas pois, apesar da barriga ser de pau e não haver o risco dos intestinos lhe saírem fóra, sempre o maguavam bastante.

Mal deu de cara com êle, o «Sôr» Roberto, dando uma pancadinha nas costas de Juca, exclamou radiante: — «O jesuíta, o padre Bento além!...» E pôs-se a chamar bairinho com receio que o Pálitó acordasse: — «Ó «sôr» pa-

HORA do RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS



MANUEL CABRAL CALVET DE MARGALHÃES

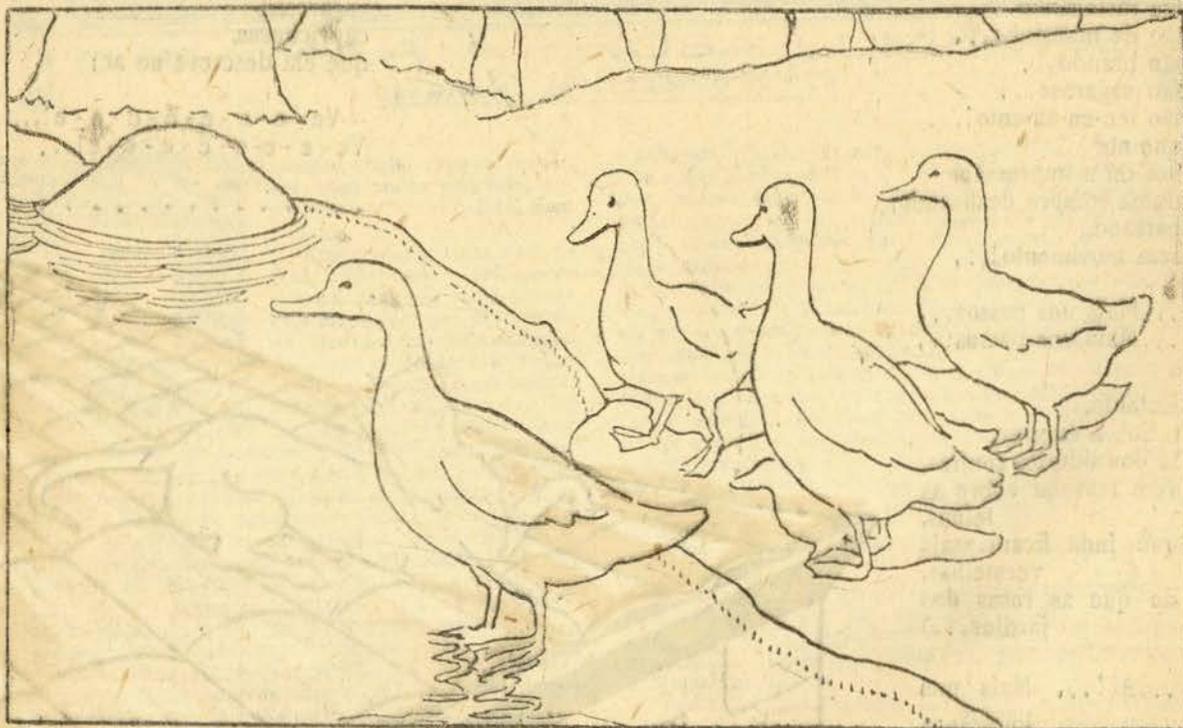
HORISONTAIS

1 — Instrumento de carpinteiro. 3 — Intimo. 6 — Raça da Arábia. 7 — Ave doméstica do Perú (América do Sul). 8 — Ave pernalta. 9 — Face. 12 — Vir á memória, ao pensamento. 13 — Espécie de peixe. 14 — Amarro. 15 — Gibóias. 19 — Telegrama expedido por meio de T. J. F. 22 — Vais. 23 — Falece. 26 — Curso de água. 27 — Parente. 28 — Hidrofobia. 30 — O número designativo do ano. 32 — Espaço de tempo. 33 — Flexão de verbo. 34 — Proposição. 35 — Artigo definido. 36 — Conjunção. 37 — Serviçais. 39 — Responsavel por algum crime. 43 — Lugar á prôa. 44 — Negro. 47 — Relação. 48 — Criada que chega da provincia á cidade. 50 — Amarrar. 53 — Canôa duma só peça. 54 — Atraí ções. 55 — Ama. 58 — Tribo de aborígenes do norte do Brazil. 59 — Desejo de vingança.

VERTICAIS

1 — Patife. 2 — Peçaço de pano. 4 — Nome feminino. 5 — Jogo. 6 — Antigo habitante da Acádia. 10 — Aia. 11 — A lingua arabe. 16 — Amarro. 17 — Levvar a reboque. 18 — Afastar. 20 — Ceder gratuitamente. 21 — Repite. 23 — Apon tar uma arma. 24 — Percurso no ar. 25 — A cruz onde Je sus Cristo morreu. 29 — Vais. 30 — Animar. 31 — Transpor. 38 — Saco com dois fundos. 40 — Espingarda. 41 — Atmosfera. 42 — Vento brando. 45 — Tenebrosos. 46 — Lista. 49 — Suportar. 51 — Rebordo do chapéu. 52 — Tribo do Brazil. 54 — Não cumprir. 56 — Agregar. 57 — Conjun ção.

PARA OS MENINOS COLORIREM



A Andorinha e o Gato

Poesia de GRACIETTE BRANCO

Excepcionalmente ilustrada

por AUGUSTO DE SANTA-RITA

(! Inocente
passarinho,
que não tornas ao teu ninho
voando pelos Espaços!)

...Ai!... Já lhe tocou!
Que horror!...

Mas, de repente:

— Ve-e-e-e-e-e-e-e-e!
Ve-e-e-e-e-e-e-e-e!

Ai! A andorinha voou!
Bemdito seja o Senhor!

E o gato,
tonto, abstracto,
ergue depressa
a cabeça,
seguindo com triste olhar,
todas as curvas airoas,
vagarosas,
caprichosas,
que ela descreve no ar:

— Ve-e-e-e-e-e-e-e-e!...
Ve-e-e-e-e-e-e-e-e!...

Ai!...
A àsa! A àsa!...
Que raiva o gato
tem à àsa!

Andorinha,
adormecida,
no beiral daquela casa!...

E o gato,
pé ante pé, por sôbre as telhas,
vermelhas,
cauteloso,
silencioso...
caminha
tão rasteirinho...
tão de mansinho...
tão brando...
tão vagaroso...
tão len-en-en-ento!...
que até
nos dá a impressão,
duma sombra deslizando,
passando
sem movimento!...

...Mais uns passos...
...Mais uns passos...

Entanto,
o Sol, a expirar,
lá dos sidérios confins,
vem resvalar sôbre as
telhas,
que inda ficam mais
vermelhas,
do que as rosas dos
jardins...)

...Ai!... Mais uns
passos...
...uns passos...

